

JOSÉ d'ENCARNAÇÃO  
Universidade de Coimbra

## A COLEÇÃO EPIGRÁFICA DE MÁRIO SAA NO ERVEDAL

Foi Mário Saa, nascido nas Caldas da Rainha, a 15 de Junho de 1894, uma daquelas personalidades polémicas que a História amiúde regista, quiçá pela necessidade que temos de que, um dia, alguém ponha em dúvida as nossas sedimentadas convicções para, sobre esse alicerce, nova e mais sólida construção se erguer<sup>1</sup>.

Desde logo o *Evangelho de S. Vito*, escrito aos 23 anos, até à *Estrada Romana de Leiria e Braga* (Lisboa, 1945), passando por *Nós os Hespanhóis* (*ibidem*, 1930) ou *As Memórias Astrológicas de Camões* (1940) — é todo um conjunto de obras onde o fantástico se mascara de real, o imaginário toma feições de verdade incontestável.

E também não foi complacente a apreciação feita aos seis volumes regularmente publicados por Mário Saa, em Lisboa, sob a designação genérica de *As Grandes Vias da Lusitânia*. Como o subtítulo — (*O Itinerário de Antonino Pio*) — dá a entender, os volumes são, por um lado, a tentativa de identificar topónimos mencionados naquele Itinerário<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Penso que, amiúde, é essa também a missão do professor, mormente do professor universitário, a de transmitir inquietação, um saber sempre em devir; sei que tem sido esse o permanente empenho de Maria Helena da Rocha Pereira, ao encarar a função docente como verdadeiro sacerdócio — daí a minha escolha do tema para este singelo preito de homenagem que, com muita Amizade, peço licença para aqui lhe vir render.

<sup>2</sup> Datável, muito provavelmente, do tempo do imperador Caracala (princípios do século III), este itinerário tem servido de base ao estudo da rede viária da Península Ibérica; dado que muitos dos topónimos nele mencionados ainda não foram identificados com segurança, presta-se, por outro lado, a muitas conjecturas. Sobre a rede viária peninsular, cf., por exemplo, ROLDÁN HERVÁS 1975 e SILLIÈRES 1990.

e, por outro, o relato das viagens empreendidas pelo próprio Mário Saa. Na verdade, as identificações apontadas pelo autor são frequentemente desprovidas de qualquer fundamento; daí que, no seu *Portugal Romano* (Lisboa, <sup>3</sup>1983, p. 222), Jorge de Alarcão advirta, a propósito desta obra, «a ler com muita cautela».

Assim é, de facto. No entanto, teve um mérito o deambular de Mário Saa pela terra portuguesa: deparou, aqui e além, com ruínas, foram-lhe dando a conhecer coisas antigas, ofereceram-lhe mesmo algumas delas, outras ele próprio recolheu. E, hoje, a colecção que legou ao povo do Ervedal (concelho de Avis) e que se encontra exposta na sua casa (onde viria a falecer a 28 de Janeiro de 1971 e que está transformada em sede da Junta de Freguesia local) constitui interessante repositório a merecer estudo a par da leitura atenta das páginas da sua obra. É que as interpretações poderão, efectivamente, estar erradas, mas o contexto arqueológico em que as peças foram encontradas é bastas vezes anotado <sup>3</sup>.

A propósito de dois textos da região de Leiria, e na sequência da visita que fiz, em Junho de 1986, à Casa do Ervedal, já tive ensejo de escrever que urge reabilitar Mário Saa <sup>4</sup>. Esta publicação dos monumentos epigráficos constantes da sua colecção obedece a esse imperativo. Nenhum deles está inédito e sobre eles já foram tecidos alguns comentários. É, contudo, uma panorâmica de toda a epigrafia romana ali existente — na esperança de que outros se interessem por outros sectores desta, apesar de tudo, significativa colecção.

---

<sup>3</sup> Talvez valha a pena transcrever algumas das passagens da introdução à obra, que Mário Saa intitula «O Tema dos Caminhos». Escreve ele: «Este belo assunto tem sido de há muitos anos a minha preocupação constante. Com o direito que os muitos anos de pesquisa e estudo me conferem publico as conclusões a que cheguei» (p. 7). E, depois de referir que a maior dificuldade «é a persistência de preconceitos literários», afirma: «Há, presentemente, carência de sinais decisivos. Esta nossa obra, *As Grandes Vias da Lusitânia*, surge precisamente no momento em que se efectua o completo desfazimento da rede dos caminhos velhos, (nunca tal como hoje), rede que, pela constância de circunstâncias naturais, trasladava para o nosso século a dos romanos. Estamos nos últimos dias dos sulcos viais da antiguidade. Em meia dúzia de anos tudo terá desaparecido. Esta nossa obra passará, então, a prova testemunhal do Passado, muito embora já distante dele...». E conclui: a obra é «fruto amadurecido por muitos anos de estudo, e de experiência durante os quais foi o autor adquirindo um certo tacto, capaz de distinguir entre o possível e o impossível. A obscuridade existe onde quer que não tenhamos o coração» (p. 8).

<sup>4</sup> Na comunicação intitulada «A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)», que apresentei, de parceria com António João Nunes Monteiro, ao II Colóquio sobre História de Leiria e Sua Região (Leiria, 29-30 de Novembro de 1991) e cujo texto vai ser publicado no volume 32 (1993) de *Conimbriga*. Os dois documentos referidos são a placa em homenagem de Sapídio (n.º 3) e precisamente a inscrição gravada num cunhal da torre do castelo de Santiago da Guarda que Mário Saa dera a conhecer no volume II, pp. 194-196.

Farei de cada monumento pequena descrição, seguida da leitura, tradução da epígrafe, bibliografia, comentário paleográfico e comentário histórico.

## 1



Altar aos Lares Viales (face A)



Altar aos Lares Viales (face B)



Altar aos Lares Viales: pormenor da face B

Altar de granito róseo muito desgastado pela erosão e coberto de líquenes, pois se encontra exposto no pátio da casa. Mário Saa informa tê-lo achado no caminho velho de Monforte a Elvas, 10 km adiante de

Monforte, em terrenos pertencentes à Herdade da Fonte Branca (cf. Alarcão 1988 n.º 6/230), onde, em sua opinião, existiria um templo: «restos de volumosa silharia granítica dum templo romano, do qual exumei um altar (...)» (1956 292), que é este. Foi moldurado nas quatro faces, mas, na actualidade, apenas são perceptíveis dois toros separados por meio-redondo côncavo no capitel da face A. O capitel e a base desapareceram por inteiro.

Dimensões:  $62 \times 41/36 \times 35/30$ .

Campo epigráfico:  $48 \times 36$  (faces A e B).

Face A: L̄ARIBV̄S / VIALIBV̄S / L(ibens). P(osuit). [A(nimo)] [?]

Face B: [L]ARIBV̄S / POPILLIVS

*Aos Lares das Vias — colocou de livre vontade.*

*Aos Lares, Popílio.*

Altura das letras: Face A — 1. 1: 8; 1. 2 e 3: 6; face B — 7.  
Espaços: Face A — 1: 2; 2: 2,5; 3: 2; 4: 20; face B — 1 e 2: 3; 3: 29?

SAA 1956 292 e 294 e fig. 9. ENCARNAÇÃO 1986 105-106 n.º 566 (a).

Variantes (Saa): face A, 1. 3: L. P.; face B, 1. 2.: TOPILLIVS.

A superfície epigrafada está, como se disse, muito gasta já, de modo que as letras se encontram bastante sumidas, mais se intuindo que lendo. Por outro lado, a própria posição do monumento impede fotografias elucidativas.

Assim, na face A, o primeiro L já pouco se distingue e do S final (da 1. 1) só resta a curvatura superior e o vértice inferior; VIALIBVS reconstitui-se bem, apesar de o B e o S estarem sumidos; na fórmula final, há, de facto, lugar para uma outra letra, possivelmente um A (de que, porém, nada se vê).

Na 1. 1 da face B, apenas desapareceu o L inicial: distingue-se o A largo, o R de «cabeça» estreita e perna lançada para diante, o B assimétrico de recorte sinuoso feito duma assentada, o V largo e de vértice boleado. Uma escrita actuária em que o desenho das letras foi nitidamente feito à mão levantada — como, aliás, acontece na face A, embora, aí, os caracteres apresentem um ar mais pesado, porque foram gravados com goiva, detendo, por isso, um corte côncavo, não biselado. Na 1. 2, ainda

na face B, a dúvida reside na primeira letra, de que a erosão apenas deixou mais nítido o traço vertical; é certo que não parece haver muito espaço para a curvatura superior do P (que seria aberta, como a dos demais), no entanto, acontece que *Popillius* (com dois LL ou só com um) está bem documentado (cf., para a Península Ibérica, ILER p. 734), enquanto de um eventual *Topillius* não haveria mais testemunhos.

Destinado a ser posto na berma da estrada ou numa encruzilhada (como Mário Saa sugere), o altar deveria ter as duas faces inscritas dispostas no sentido do eixo da via, para ser lido de um lado e doutro, ao passar. Daí, o facto de se repetir a invocação aos Lares, omitindo-se, porém, na segunda, a menos importante — porque voltada para o lado menos «nobre», digamos assim, da via, ou, se preferirmos, no sentido da periferia, em relação à povoação principal. Aí se mencionou, pois, o promotor da iniciativa.

Pela localização indicada, o monumento poderia ter pertencido a uma das vias secundárias que ligavam entre si os grandes itinerários de *Emerita a Olisipo* e de *Emerita a Ebora*, numa zona — decerto pertencente ainda ao território da capital provincial — densamente povoada (cf. o mapa 4 inserido entre as pp. 852 e 853 de IRCP). Nesse caso, não saberíamos dizer qual o sentido mais nobre dessa via.

Dois pontos merecem, finalmente, a nossa reflexão.

Em primeiro lugar, a ocorrência do ex-voto, que constitui elemento de excepção nesta área. Como se sabe, na Península Ibérica, o culto aos *Lares Viales* é característico apenas do Norte e, mais concretamente, do Noroeste<sup>5</sup>, relacionável, portanto, com um processo de apaziguamento dos povos indígenas, de actuante presença romana, tanto mais que, na sua quase totalidade, os monumentos são dedicados por gente de onomástica bem latina, colonos quiçá. O mesmo parece ter acontecido aqui — e este é o segundo ponto da reflexão. Na verdade, identificando-se apenas pelo gentílico (sem *praenomen* nem *cognomen*), *Popillius* deverá pertencer ao grupo dos primeiros colonos que se radicaram nestas paragens. Uma outra hipótese, não menos aliciante e também assaz plausível, é considerá-lo um dos magistrados encarregados de organizar o território em questão e que, por isso, terá querido deixar aqui um evidente sinal de romanidade —

<sup>5</sup> Cf.: ILER 579-591; IRPL 22, 60-66; TRANOY 1981 543 (s. v. «Lares Viales») e, sobretudo, pp. 323-324.

sem detrimento de o ter feito também por devoção pessoal, em acção de graças ou num pedido de protecção <sup>6</sup>.

## 2



Parte inferior duma ara votiva romana

Parte inferior de uma ara romana votiva, de mármore branco com vénulas róseas, do tipo Estremoz/Vila Viçosa, muito picada por efeito da erosão a que foi submetida, designadamente na parte de trás, que se apresenta bastante desgastada. Foi trazida por Mário Saa de Vale de Maceiras (freguesia de S. Saturnino, Fronteira — cf. Alarcão 1988 n.º 6/173), sítio que identifica com a *Masussaria* citada pelo itinerário de Ravena e que designa de «centro de antiguidades», pois que aí existe «um castelo roqueiro, um templo romano, mosaicos em quantidade notável, dinheiros, legendas...» (1956 191).

<sup>6</sup> Registe-se, a título de curiosidade, a existência de um importante núcleo de *Popillii* em Sagunto: cf. BELTRÁN LLORIS (Francisco), *Epigrafia Latina de Saguntum y su Territorium*, Valência, 1980, 425-426.

Moldurada nas quatro faces: três toros divididos por ranhuras, a que se segue uma espécie de espigão para encaixe num plinto.

Dimensões:  $(22) \times 13/14 \times 10/11$ .

Campo epigráfico:  $(8) \times 13$ .

[...] / EX . VQ(to)

... *por voto*.

Altura das letras: 2,5/3. Espaços: 1: 3,5; 2: 1,5.

SAA 1956 191.

A paginação não parece ter sido cuidada, se atendermos a que não há vestígios de uma penúltima linha, quando o módulo das letras subsistentes induziria a pensar na sua existência a ocupar o espaço disponível. Depois do X existe um pequeno ponto circular.

Os caracteres, actuários, foram levemente gravados com goiva: o E apresenta os vértices terminados em pequenas barras; X simétrico; do O apenas se distingue a metade da esquerda.

A fórmula *ex voto* é característica das inscrições votivas.

### 3



Epitáfio de *Sapidius*, proveniente de Pombal

Placa funerária, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, incompleta, achada na Fonte do Piar, freguesia de Abiul, concelho de

Pombal. De acordo com a informação da Mário Saa, existiriam no local «umas ruínas» cujas características, no entanto, não específica.

Resta pouco mais do que a metade esquerda do monumento. Só do lado esquerdo há um troço da moldura (do tipo gola directa limitada exteriormente por ranhura) que enquadrava o campo epigráfico, rebaixado; na parte inferior, a molduração foi partida, e tanto em cima como do lado direito a fractura ocorreu já dentro do campo epigráfico. A face inferior está alisada; a lateral, rugosa; a da retaguarda, lisa também.

Dimensões: (36) × (46) × 13.

Campo epigráfico: (28) × (37).

D(is) [M(anibus)] / G(aio) (hedera) SAPIDIO A[...] / POLLIA / G(aius). POLLIVS A[...] / <sup>5</sup>F(aciendum) [C(uraverunt)]

*Aos deuses Manes. A Gaio Sapídio A(...?). Pólia (...), Gaio Pólio A (...?) mandaram fazer.*

Altura das letras: 1. 1: ?; 1. 2: 3,8; 1. 3 e 4: 4; 1. 5: 4,5. Espaços: 1: ?; 2: 0,5; 3: 1,2; 4 e 5: 1,3; 6: 5,3.

SAA 1959 192. LAPA 1987.

A posição do F da última linha sugere que, como se disse, estejamos perante um pouco mais de metade da epígrafe, se considerarmos uma paginação segundo um eixo de simetria. De resto, a paginação terá sido muito cuidada, com recurso, inclusive, a linhas auxiliares, que, embora imperceptíveis, se sentem na regularidade dos caracteres e na presença de pequenas barras a sublinhar os vértices das letras (veja-se o A, o P, o F). Teríamos, por isso, na 1. 1, apenas D M: do D resta a parte inferior; poderia a moza existente a seguir ocultar a perna inicial do M — mas não me parece, o M deveria estar um pouco mais além.

Na 1. 2, o G apresenta haste breve e vertical, o S é simétrico, o P aberto, o D largo e o O bem circular. O traçado das letras com o badame, em bisel, confere ao conjunto um bonito efeito de claro-escuro, pela dinâmica dos traços mais largos e mais estreitos. Uma gravação, aliás, muito cuidada, a denotar — também pela paleografia — os primórdios do século I da nossa era. A seguir ao G, uma pequena hera cordiforme, de pecíolo curto na parte superior; contudo, depois do O não há qualquer pontuação, tal como acontece, na 1. 4, após o S. Por conseguinte, o A pertencerá a uma outra palavra. Maria Fernanda Lapa sugeriu tratar-se do começo do

*cognomen*; é a hipótese mais lógica, se atendermos à relativamente escassa ocorrência do *praenomen Aulus* na epigrafia peninsular; além disso, se considerássemos a menção da filiação — A(*uli*) F(*ilio*) — seguida do *cognomen*, talvez o espaço disponível fosse curto. Será preferível, pois, optar pela identificação do defunto apenas mediante os *tria nomina* sem filiação.

Na 1. 3, faltaria o *cognomen* de *Pollia*.

Na 1. 4, põe-se a mesma questão levantada acerca da 1. 2. A identidade dos caracteres poderia ser argumento a favor do já sugerido desdobramento em A(*uli*) F(*ilius*); mas as objecções seriam as mesmas e, daí, a preferência, de novo, por um *cognomen*, o mesmo quiçá.

Parece-nos, conseqüentemente, plausível interpretar o texto como sendo o epitáfio de Gaio Sapídio mandado lavrar por uma Pólia e um Pólio, decerto irmãos, mas cujo parentesco com o defunto não viria mencionado nem sequer se poderia facilmente deduzir porque não detêm o mesmo gentílico, caso se pensasse na hipótese de serem os seus filhos.

A interpretação dada não é, porém, a única possível, há que dizê-lo. *Pollia* pode ser, por exemplo, a menção da tribo. Não seria para admirar que tenha sido escrita por extenso se pensarmos que essa era a tribo em que se inscrevia quem, não detendo no momento da incorporação, o estatuto de cidadão romano, o assumia então. Sendo assim, já se poderia entender o A como a inicial do patronímico, Gaio não teria *cognomen*, a palavra *Pollia* estava centrada e, na 1. 5, só haveria um F — F(*ilius*). Em vez de três, haveria apenas duas personagens e a outorga do gentílico *Pollius* ao filho justificar-se-ia por ter nascido durante o serviço militar do pai.

Certo é, todavia, que — tal como Fernanda Lapa já teve ensejo de sublinhar — toda a onomástica aqui documentada é alheia à comum onomástica peninsular, o que confirma a ideia, já por diversas vezes assinalada<sup>7</sup>, de que foi gente directamente vinda da Península Itálica que se instalou nesta faixa litoral até Lisboa, logo nos primórdios da ocupação romana da Península.

---

<sup>7</sup> Vide, por exemplo, Encarnação 1994 71-72 ou a pequena nota que publiquei no *Diário Regional – Leiria*, a 12 de Janeiro de 1994 (p. 2), intitulada «Quem eram os Romanos que viveram na região de Leiria».

O *nomen Sapidius* continua ainda sem outro paralelo conhecido e sobre a ocorrência de *Pollius* mantém-se actualizada a pesquisa levada a efeito por Fernanda Lapa: três exemplos mais (AE 1976 169, 1981 75 e 485).

Um monumento, pois, em que as dúvidas de interpretação ultrapassam largamente as certezas.

## 4



Fragmento de ara romana funerária

Parte inferior de uma ara romana, provavelmente funerária, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, desprovida já de qualquer inscrição, devido à grande erosão a que foi submetida.

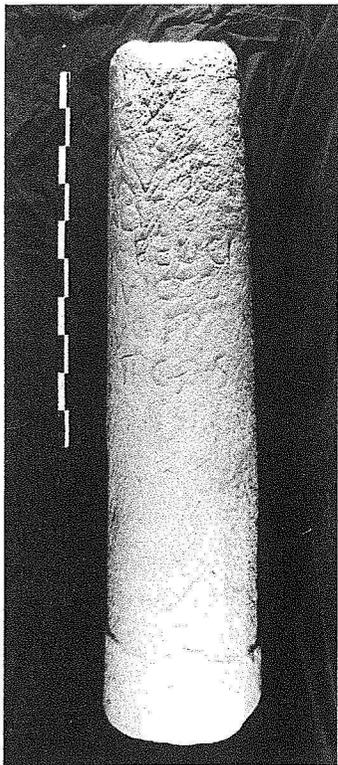
Por falta de elementos susceptíveis de orientar essa pesquisa, desconheço se Mário Saa se lhe refere em alguma parte da sua obra, indicando, nomeadamente, a procedência da peça. A não ser que seja esta a «estela sepulcral» que diz possuir («uma delas tenho em meu poder» — vol. I,

p. 196), quando se refere ao conjunto de materiais por ele identificados junto da ermida de S. Pedro «dita dos Pastores, 1,5 km a lés-nordeste da vila de Campo Maior»: «alicerces romanos, objectos, moedas, pavimentos», o que o leva a situar ali a mansão *Ad Septem Aras*. É o local que Jorge Alarcão (1988) cita sob o n.º 6/165 do seu catálogo.

Apresenta, numa das faces laterais, uma porção (7 cm) do cabo da pátera em relevo que a decoraria; na outra face, existiria, possivelmente, um jarro. A moldura da base é do tipo garganta encestada terminando em ranhura — uma molduração de tipo clássico, portanto.

Dimensões: (24,5) × 13,5 × 6.

## 5



Miliário de Tácito



Miliário de Tácito: pormenor da inscrição

Miliário cilíndrico, de granito róseo, completo, com a base superior-

mente limitada por ranhura de traçado irregular. A face superior apresenta fractura irregular que levou parte do M e do P.

Foi achado durante trabalhos agrícolas, em 1951, junto do local conhecido por Nossa Senhora dos Prazeres, seis quilómetros a leste de Ponte de Sor (cf. Alarcão 1988 n.º 6/90). O lavrador da propriedade, Hermínio Varela Martins, ofereceu-o a Mário Saa, «com o assentimento do proprietário da terra, sr. António Lopes Aleixo, de Cabeção» (I 275 nota 2).

Dimensões: altura = 156; diâmetro = 28 no topo e 37 na base. Altura da «base»: 21/18.

IM[P](eratori) / CAES(ari) / MARCO / CLAVDIO / <sup>5</sup> TACITO / PIO FELICI / INVICTO / AVG(usto) P(atrī) P(atriciae) / II (secunda) CO(n)S(uli)

*Ao imperador César Marco Cláudio Tácito, Pio, Feliz, Invicto, Augusto, Pai da Pátria, no segundo (poder tribunicio), cônsul.*

Altura das letras: 1. 1: 5; 1. 2 a 4: 6 (L = 4); 1. 5: 5,5/6 (A = 5); 1. 6: 6/7 (I = 5); 1. 7: 5,5; 1. 8: 5/5,5; 1. 9: 6 (I = 5). Espaços: 1: 8; 2: 2; 3 e 4: 1,5; 5: 1; 6: 1,5/3; 7: 2,5; 8: 3,5/4; 9: 3; 10: 59 (à base).

SAA 1956 235 e 275 fig. 8 IRCP 666a. ENCARNAÇÃO 1986 108.

Variantes: 1. 8: AVGVSTO (Saa); 1. 9: C (Saa).

A identificação do miliário permitiu aperfeiçoar a leitura apresentada em 1984. Assim, na 1. 2, não há o nexa AE cuja existência Mário Saa dera a entender; confirma-se que, na 1. 8, se deverá ler um P onde se esperaria o T de *Tribunicia Potestate* — os dois PP estão claros no monumento. Poderá ter havido um lapso do lapicida; no entanto, após a menção do consulado não há vestígios de ter havido mais letras e, por conseguinte, sendo o numeral da última linha preferentemente relacionável com o poder tribunicio, deverá interpretar-se como ordinal (*secunda*) e não como advérbio (*secundum*), como inadvertidamente escrevi.

Os caracteres estão bem gravados, paginados com alinhamento à esquerda. De assinalar apenas a ausência de barra no A.

Tácito renovou, a 10 de Dezembro de 275, o poder tribunício, que assumira pela primeira vez, a 25 de Setembro, no momento da sua subida ao trono imperial. O segundo consulado ser-lhe-ia outorgado a 1 de Janeiro seguinte. Sendo assim, o miliário data de um período muito preciso e restrito: de 10 a 31 de Dezembro de 275.

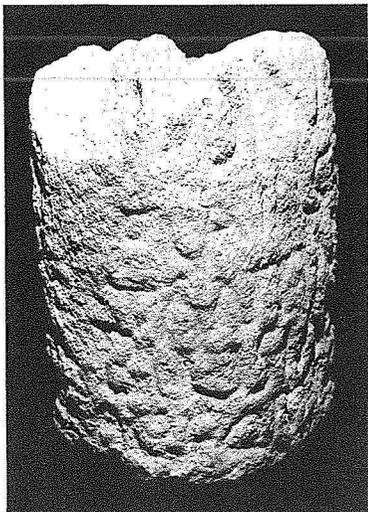
Recorde-se que, praticamente iguais a este, são referidos, desde os tempos de André de Resende, dois outros miliários, dados como procedentes do termo de Alpiarça, mas cujo paradeiro inteiramente se desconhece (IRCP 665 e 666). De um deles (IRCP 665) ainda cheguei a supor que se encontraria também guardado no Ervedal; de facto, não está. A existência de mais do que um miliário dedicado ao mesmo imperador em pontos próximos da mesma via — neste caso, muito provavelmente, a via que de *Olisipo* ia até *Emerita* por *Scallabis* — não é de estranhar; contudo, só o achamento dos outros dois monumentos poderá retirar-nos, em definitivo, a dúvida sobre a sua eventual identidade: três ou apenas um miliário?

De qualquer modo, não deixa de ser interessante verificar a «presença» do imperador Tácito nesta zona da Lusitânia, uma vez que, ao estudar as vias da Hispânia meridional, Pierre Sillières (1990) regista uma total ausência de miliários deste imperador; aliás, a fazermos fé no *index nominum* da obra em apreço (p. 882), nem uma única vez Tácito nela é citado. Contudo, não será, decerto, inverosímil relacionar estes miliários com o renascer da actividade viária que se regista sob o reinado imediatamente anterior, o de Aureliano (270-275), sobre o qual escreve Sillières:

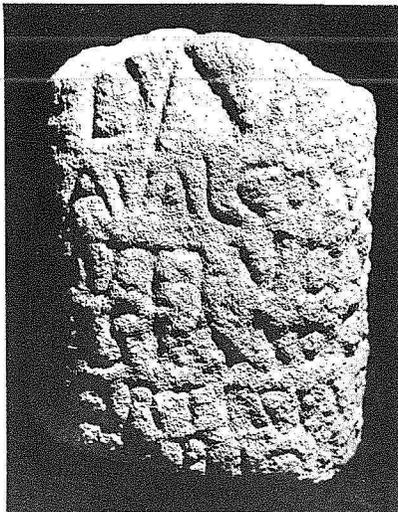
«Desde o reinado de Aureliano que se manifesta um claro restabelecimento do Império: dele se encontraram três miliários na Hispânia meridional, provenientes todos eles da *Via Augusta*; este príncipe, restaurador da autoridade imperial, necessitava da via do *cursus publicus* para mandar as suas ordens e receber os relatórios dos funcionários» (p. 595).

Pode, portanto, ter acontecido que inclusive alguns trabalhos iniciados ao tempo de Aureliano hajam sido concluídos já no reinado seguinte.

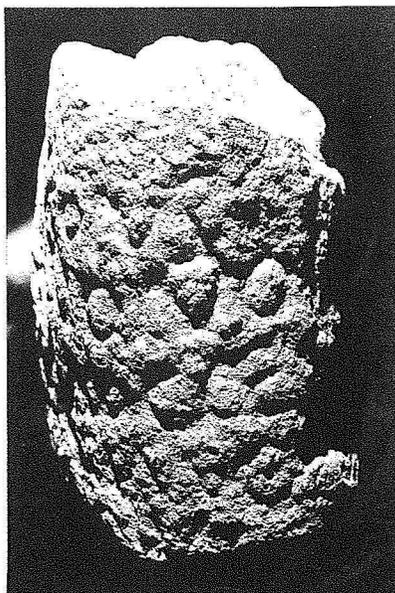
## 6



Miliário incompleto em honra de Constantino (lado esquerdo)



Miliário de Constantino (parte direita)



Miliário de Constantino (parte central)

Parte superior de um miliário de granito róseo, bastante gasto já por força dos agentes erosivos, de secção tendencialmente ovada, irregularmente partido em cima e na retaguarda.

Mário Saa recolheu-o, a 30 de Maio de 1949 (I 245), perto da Lagoa Grande, freguesia de Ulme, concelho de Chamusca, em terras do Casal da Pucariça, onde se detectavam também muitos *imbrices*, *tegulae* e um *pondus*<sup>8</sup>.

Dimensões: altura = (46); diâmetro = 35.

D(omino) N(ostro) / FLA(vio) VAL(erio) CONS/TANTINO  
NO/BILISIMO [sic] CAES(ari) / <sup>5</sup> AC FORTISIMO [sic] / [...]

*Ao nosso senhor Flávio Valério Constantino, mui nobre César e mui forte...*

Altura das letras: 1. 1: D = 8, N=11; 1. 2: 6 (O = 4); 1. 3: 6 (O = 5);  
1. 4: 5/7 (O = 4,5); 1. 5: 6 (I = 4); 1. 6: ? Espaços: 1: ?; 2: 2/2,5; 3: 2/3;  
4: 1; 5 e 6: 2.

SAA 1956 243-245 e fig. 7 e 1963 154.

Variantes: Saa apresenta com dois SS a leitura dos superlativos; dá todos os nomes por extenso, mesmo quando no texto estão em sigla ou abreviados; omite, na 1. 5, o AC inicial e acrescenta, no fim, a palavra CAESARI.

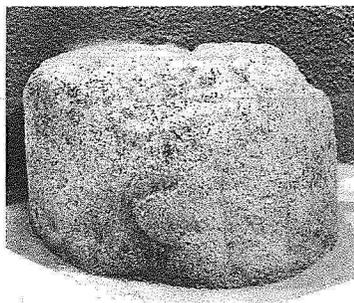
Paginação com alinhamento à esquerda; traçado dos caracteres bastante irregular.

Das letras da 1. 6 ainda se distinguem alguns traços, mas não os suficientes para se poder sugerir uma interpretação, embora VICTORI possa ser uma hipótese não desprecianda, em vez de CAESARI lido por Mário Saa. É provável, porém, que apenas se mencione o nome do imperador Constantino (306-337).

É miliário a relacionar com a via *Olisipo-Emerita*, e com os vários marcos da Tetrarquia achados na zona de Estremoz (IRCP 673-675).

<sup>8</sup> Cf. ALARCÃO 1988 n.º 5/85 e 5/86 – trata-se do mesmo sítio.

## 7



Fragmento de miliário

Pequeno fragmento de miliário, de granito. Dada a sua pequenez, desconheço se Mário Saa se lhe refere em alguma parte da sua obra, indicando, nomeadamente, a procedência.

Dimensões: altura, 20; diâmetro, 27.

[...] CAE[sar?] [...]

Altura das letras: 6,5. Espaços: 1: 10; 2: 2,5?

Inédita (?)

Caracteres gravados irregularmente e bastante gastos já pela erosão, não sendo possível determinar se as concavidades existentes antes do C constituem restos da palavra IMP (que deveria ter estado ali grafada) ou são simples mossas acidentais.

## CONCLUSÃO

Trata-se, como se vê, de uma pequena colecção.

O seu valor advém-lhe, em primeiro lugar, do facto de documentar o interesse de Mário Saa pela preservação de um património que, como ele diz, rapidamente se está a deteriorar. Aliás, verifique-se, por exemplo, o seu empenho em recolher o miliário de Constantino (n.º 6):

«Andava por ali rolando, dum a outro lado da via, sendo de pasmar que ninguém, até hoje, atentasse nele, nem mesmo para o destruir ou aplicar como material de construção (...)» (1959 245).

Uma frase, neste contexto, bem significativa.

Por outro lado, só três das peças (n.ºs 2, 4 e 7), pelo seu carácter fragmentário, não detêm grande valor documental. Já o mesmo se não poderá dizer dos miliários e, sobretudo, do altar aos *Lares Viales*, que vem trazer outra luz à política viária do Nordeste alentejano, no termo do território de *Emerita*, e cuja estrutura textual (repetição da invocação aos Lares, colocação da identificação do dedicante...) cumpre salientar. Finalmente, o epitáfio de Sápídio, pelos problemas que levanta do ponto de vista da onomástica, merece também destaque particular.

E termino com o voto inicial: que outros se debrucem sobre os demais componentes — históricos, arqueológicos e artísticos — desta singular colecção.

### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO (Jorge de), *Roman Portugal*, Warminster, 1988.
- ENCARNAÇÃO (José d'), «Inscrições romanas do *conventus Pacensis* — Aditamento», *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1 1986 99-109.
- , *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 1994.
- ILER = VIVES (José), *Inscriptiones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972. (Cita-se pelo número da inscrição).
- IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984. (Salvo indicação em contrário, cita-se pelo número da inscrição).
- IRPL = ARIAS VILLAS (Felipe), LE ROUX (Patrick) e TRANOY (Alain), *Inscriptions Romaines de la Province de Lugo*, Paris, 1979. (Cita-se pelo número da inscrição).
- LAPA (Maria Fernanda Moreno), «Descendentes de legionários romanos viveram em Pombal», *Diário de Coimbra*, 26-11-1987, p. 2.
- ROLDÁN HERVÁS (José Manuel), *Itineraria Hispana. Fuentes Antiguas para el Estudio de las Vías Romanas en la Península Ibérica*, Valladolid, 1975.
- SAA (Mário), *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*, Lisboa, I 1956, II 1959, III 1960, IV 1963, V 1964, VI 1967.
- SILLIÈRES (Pierre), *Les Voies de Communication de l'Hispanie Méridionale*, Paris, 1990.
- TRANOY (Alain), *La Galice Romaine*, Paris, 1981.

Fotografias de Guilherme Cardoso